

#cm

2

TERÇA-FEIRA

'O Agente Secreto' tem sua estreia no Festival do Rio

PÁGINA 3



Ana Beatriz Nogueira no universo de Lispector

PÁGINA 5



Desengaiola faz quatro shows no palco do Teatro Ipanema

PÁGINA 6



Ganhadora de Oscar, a atriz que é um dos pilares

do cinema francês exibe no Festival do Rio seu primeiro trabalho como realizadora

Rastros de Binoche



Por **RODRIGO FONSECA** (Texto e foto)
Especial para o Correio da Manhã

Ganhadora de Oscar, a atriz que é um dos pilares do cinema francês exibe no Festival do Rio seu primeiro trabalho como realizadora, o longa “In-I in Motion”, Documentário sobre o processo criativo e a parceria da atriz e dançarina Juliette Binoche com o artista Khan,

a partir de um espetáculo que criaram juntos em 2007. Num sorriso dos mais cálidos, Binoche sintetiza seu acolhimento à gratidão da cinefilia brasileira pelos prêmios que atribuiu a “O Agente Secreto” quando presidiu o júri de Cannes em maio. A visita que faz ao Brasil, na programação do Festival do Rio, mobiliza reações de agradecimento ao que fez pelo nosso potencial candidato ao Oscar e ao tanto que doou de si em quatro

décadas de cinema. O carinho que tem pelo audiovisual brasileiro veio à tona em seu papo com o Correio da Manhã no hotel Fairmont, em Copacabana. “Walter Salles é um diretor de quem gosto muito, pois eu nunca esqueço do plano de abertura ‘Central do Brasil’. Ele gosta de gente e sua arte reflete isso”, diz a estrela parisiense de 61 anos.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Tuyo durante gravação do programa

Tuyo revela seu lado acústico em série da TV Cultura

O trio Tuyo participa do segundo episódio do programa “O Novo Sempre Vem”, comandado por João Marcello Bôscoli.

Formado por Lio, Lay e Machado, o grupo apresentou versões acústicas de suas composições, utilizando apenas três vozes e dois violões. A banda é conhecida pela fusão entre folk-pop e

elementos eletrônicos. Segundo Bôscoli, a personalidade sonora do grupo permaneceu intacta apesar da ausência das camadas eletrônicas características.

O episódio om o trio curitibano será exibido nesta terça-feira (7), às 23h30, na TV Cultura, e posteriormente disponibilizado no app Cultura Play.

Recital

Chiara Santoro apresenta nesta terça (7) o recital As Brasileiras em homenagem às compositoras nacionais no Centro Cultural Justiça Federal. Acompanhada de Silas Barbosa (piano), a soprano celebra o protagonismo feminino na música de concerto.

Recital II

O programa percorre um arco histórico que vai de Chiquinha Gonzaga às autoras contemporâneas. “Esse concerto é uma forma de dar voz a uma produção musical que foi relegada à margem por questões sociais e estruturais”, explica Chiara.

Dupla jornada

Aos 33 anos, com 15 anos de carreira no teatro, a atriz e dançarina Victoria Ariante segue se desafiando e assumindo novas posições, desta vez agora na direção. Ela assina a montagem de dois espetáculos.

Lançamento

A jornalista Tereza Cruvinel autografa nesta terça (7), às 18h, na sede da ABI (Rua Araújo Porto Alegre, 71) “Memória de Um Desafio” (Ed. Tagore) no qual narra sua experiência na TV pública e na criação do sistema EBC.

‘Eu sigo trabalhando no material em busca de sua verdade’



Oscarizada por Hollywood em 1997, com a estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante por “O Paciente Inglês”, que lhe abriu as portas da produção americana, Juliette Binoche se declara à arte. “Eu amo todas as formas de arte, pois a partir dela eu posso conhecer melhor a condição humana”, disse.

A vinda Binoche ao Festival do Rio envolve a trajetória de lançamento de “In-I In Motion”. A primeira sessão dele foi em San Sebastián, no norte da Espanha, fora da disputa pela Concha de Ouro. Se estivesse no páreo dos troféus bascos, teria a chance de vencer pela vertiginosa montagem.

“Preciso confessar que após San Sebastián, eu cortei 30 minutos do que havia apresentado lá, por sentir que o filme estava longo. O que vocês verão aqui

Juliette Binoche:
‘Preciso confessar que após San Sebastián, eu cortei 30 minutos do que havia apresentado lá, por sentir que o filme estava longo’

é uma versão nova de uma narrativa que se guia pela sensação”, diz Binoche em uma reflexão sobre a dimensão cinematográfica de sua coreografia. “Eu sigo trabalhando no material em busca de sua verdade”, completa.

Com sessão nesta quinta, às 18h30, no Cinesystem Belas Artes 7, e sábado, Pas 14h, no Estação Net Gávea 5, “In-I in

Motion” usa imagens inéditas para mostrar a jornada íntima da dupla formada pela própria Binoche e Khan, desde a inspiração inicial até a performance, explorando a essência da criação artística, a vulnerabilidade envolvida e seu impacto transformador.

“Quando fizemos uma apresentação em Nova York, Robert Redford foi nos assistir e disse: ‘Faça um filme’. Tínhamos vídeos dos ensaios e partimos deles, trabalhando ainda com filmagens dos sets últimos shows”, explica Binoche. “Nosso desafio era dar uma forma para o que tínhamos. Se a ideia é fazer cinema um artista precisa ser ele mesmo, ter sua voz”.

O 27º Festival do Rio segue até domingo.



Patrick Swirc/Divulgação



Wagner Moura na repartição pública onde seu personagem busca abrigo para executar seus planos em 'O Agente Secreto'

Enfim ao alcance de cariocas

Revelado em Cannes, onde ganhou quatro prêmios, e escolhido para representar o Brasil no Oscar, 'O Agente Secreto' aterrissa hoje no Odeon, com Wagner Moura na sessão

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Wazes da indústria cinematográfica já desenharam a rota futura de "O Agente Secreto", nosso potencial representante no Oscar de 2026, em eventos internacionais: a próxima parada será na Inglaterra, no BFI London Film Festival (de 8 a 19 de outubro); depois, no dia 10, ele abre o 23º Festival de Morelia, no México; na sequência, no próximo dia 19, vem o BRAVO Film Festival, no Museu da Academia, em Los Angeles, com apresentação de Walter Salles e sessão seguida de debate com o diretor Kleber Men-

donça Filho e a produtora Emilie Lesclaux. Esta noite, no entanto, ninguém há de tirar dos cariocas o prazer de acolher (enfim) numa tela da cidade – a mais nobre... o Odeon – o longa-metragem pernambucano que anda arrebatando corações há cinco meses. Às 21h30 desta terça, o Festival do Rio anexa o thriller ambientado em 1977 em sua programação. Terá sessão extra na quarta, também às 21h30, no Estação NET Botafogo. Os próximos passos internamente: Mostra de São Paulo; Frapa, em Porto Alegre (no dia 3/11); e estreia em circuito, em 6 de novembro.

"Eu nem sempre dou conta de tantas informações, até porque preciso enjoy (curtir)...", brincou Kleber em conversa com o Cor-

reio da Manhã, no Festival de San Sebastián, na Espanha, onde "O Agente Secreto" teve sessão. "O cinema brasileiro sempre teve pudor de se arriscar por um gênero que não estava diretamente associado a ele... ou foi patrulhado por seus observadores internos quando tentou fazê-lo. Aí o Hector Babenco fez 'Lucio Flávio', que é um filme sujo, malvado, ágil, eletrizante e, sobretudo, é um thriller. Tentei fazer um, só que fotografado de um jeito que tivesse a minha identidade, mas ao mesmo tempo devolvesse ao cinema o que ele me deu por meio de Brian De Palma, de Nelson Pereira dos Santos, de grandes artistas".

Bola da vez da América Latina, o inflamável suspense dirigido

pelo realizador de "O Som Redor" (2012) deu seus primeiros passos em Cannes, onde venceu em quatro frentes. Concorrente à Palma de Ouro, foi agraciado com o troféu de Melhor Direção (dado a Kleber) e o de Melhor Ator, confiado ao baiano Wagner Moura, pelo júri oficial, presidido por Juliette Binoche. Recebeu na Croisette ainda o Prêmio da Crítica - dado pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, a Fipresci - e um prêmio da Associação de Cinemas de Arte e Ensaio. O que vemos ao longo de suas duas horas e 38 minutos é a luta pela vida de um pesquisador e professor universitário (papel de Wagner) perseguido por matadores no Brasil de 1977, numa ditadura conivente com abusos de

empresários e agentes da polícia. Um dos destaques do elenco é Carlos Francisco, vivendo um projectionista que é sogro do personagem de Wagner.

"Ele interpreta um grande amigo, em que está no meu filme 'Retratos Fantasmas', e faleceu em 2002: o Alexandre Moura. Fiquei feliz em ter compartilhado da delicadeza cinéfila dele", diz Kleber ao Correio.

Provável blockbuster, "O Agente Secreto" tem estreia confirmada em mais de 90 países da América do Norte, América Latina, Europa, Ásia e Oceania, de acordo com a MK2, responsável pela comercialização dos direitos de exibição do filme internacionalmente. Entre os territórios já confirmados estão alguns dos maiores mercados cinematográficos do mundo, como China, México e Coreia do Sul, além de países como Grécia, Índia, Nova Zelândia e Finlândia. Nos Estados Unidos, o filme chega ao circuito comercial de Nova York no dia 26 de novembro, ampliando para as salas de Los Angeles em 5 de dezembro, e, posteriormente, será expandido.

O Festival do Rio termina no domingo. Nesta terça, às 17h50, o evento projeta um dos cults de Kleber, o curta "Recife Frio", de 2019, no Museu do Amanhã.



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Vencedor do Prix Un Certain Regard de Cannes, o contagiante drama de CEP chileno “O Olhar Misterioso do Flamingo” (“La Misteriosa Mirada Del Flamenco”), de Diego Céspedes, hoje dispara na procura do público, na venda de ingressos da Pirmière Latina do Festival do Rio, de onde há de sair como um hit. Tem mais uma sessão dele no domingo, 12/10 (que será a data de encerramento da maratona carioca), 21h, no Estação NET Gávea. O evento acolheu Céspedes e o ator Matías Catalán, estrela n.1 dessa produção, que foi um acontecimento na Croisette em maio e vai representar seu país no Oscar. Filas gigantes se formaram nas projeções dessa reconstituição histórica da vida no norte do Chile no início dos anos 1980, numa área de mineração na qual um cabaré de mulhe-



O diretor Diego Céspedes e o ator Matías Catalán no Armazém da Utopia

Flamingo alça seu voo

Diretor e ator da produção chilena premiada em Cannes debatem aceitação numa América Latina assolada pela transfobia

res trans e travestis enfrenta o boom da Aids sob a fúria da população masculina de trabalhadores.

“Como a organização da socie-

dade é desconectada dos afetos e dos desejos, a raiz de todo conflito de gênero é o medo e dele nasce o ódio”, diz Céspedes num encontro

com o Correio da Manhã no Armazém da Utopia, a sede do Festival, no Cais do Porto.

“Todo confronto no nosso fil-

me se resolve pelo amor, inclusive o materno, no momento em que Flamingo assume um papel protetor, de mãe”, complementava Matias, ao lado do diretor.

Tudo no longa-metragem deles é visto pelos olhos de uma menina, Lidia (Tamara Cortes), tratada como filha pela performer Flamingo (papel de Matías), alvo de transfobia. Na trama, o contágio do HIV é tratado com misticismo, numa crença de que a “peste” se espalha pela troca de olhares.

“A menção explícita que o filme faz aos anos 1980 é curta e rápida, pois conversei com a equipe, na fotografia e na direção de arte, para que o tempo não ficasse tão marcado, a fim de mostrar que a violência contra trans hoje cresce tanto como na época em que o enredo se passa, sobretudo na América Latina”, diz Céspedes, que vê “O Olhar Misterioso do Flamingo” se tornar um ímã de plateias por onde passa. “Não sei se somos representativos da imagem padrão do cinema chileno, pois nos vinculamos com uma linhagem que traz novos rostos vindos de classes sociais mais pobres, como eu. É um Chile mais cotidiano”.

AS BOAS DO DIA - TER (7/10)

POR RODRIGO FONSECA



Nawi - Querida Eu no Futuro

NAWI – QUERIDA EU NO FUTURO (“Nawi”), de Valentine Chelluguet, Apuu Mourine e Kevin Schmutzler (Quênia): Festivais na China, na Suécia e nos EUA aplaudiram esta saga antisssexista de recusa das tradições patriarcais, com foco num concurso de redação. Sua protagonista pode se tornar um talento das Letras, mas corre o risco de não cursar o ensino médio pois seu pai, Eree, planeja casá-la com um estranho, Shadrack. Nawi se recusa... e reage. Onde: CineCarioca José Wilker, 14h



Rua do Pescador nº 6

RUA DO PESCADOR Nº 6, de Bárbara Paz (Brasil): A atriz e diretora gaúcha, apoiada numa montagem frenética de Renato Vallone, revive o desastre climático em Porto Alegre, em 2024, construindo um filme-catástrofe de dar inveja a qualquer “Twister” de Hollywood. Ela vai atrás de pessoas que sobreviveram e se reinventaram. A sequência da luta de um cachorro para não ser engolido pelas águas é de roer unhas até o sabugo. Onde: Estação NET Rio 5, 19h



La Duse - A Diva Contra o Fascismo

LA DUSE - A DIVA CONTRA O FASCISMO (“Duse”), de Pietro Marcello (Itália): Narrativa do último ato de uma carreira lendária: depois de um longo silêncio que parecia anunciar o fim de sua trajetória no palco, a atriz Eleonora Duse se confronta com os tempos turbulentos do pós-Primeira Guerra Mundial e com a ascensão do fascismo em Itália. A diva sente a necessidade de regressar ao palco — o único espaço onde verdadeiramente podia respirar. Valeria Bruni Tedeschi brilha. Onde: Cinesystem Belas Artes 2, 21h.

Ana Beatriz Nogueira encerra temporada de solo que mergulha no universo da celebrada autora na Casa Laura Alvim

Ana Beatriz Nogueira encerra nesta semana a temporada do solo “A procura de uma dignidade” no Teatro da casa de Cultura Laura Alvim. A montagem marca o segundo encontro da intérprete com a obra da escritora Clarice Liespector após o sucesso de “Um Dia a Menos”. Desta vez, a atriz se debruça sobre conto originalmente publicado em 1974 no livro “Onde Estivestes de Noite?”.

Durante a pandemia, Ana Beatriz dirigiu Sandra Pêra numa versão reduzida do mesmo conto no Teatro Sem Bolso, espaço cultural instalado em sua própria residência. “Eu já gostava imensamente, mas passei a entendê-lo bem melhor depois dessa experiência”, revela a atriz, que encontrou na narrativa clariciana ecos de questões pessoais profundas. “Este conto fala de muitas coisas que me tocam profundamente. Fui descobrindo o quanto elas têm a ver comigo à medida em que fui ensaiando, passando o texto, fazendo todo o trabalho de preparação da peça”, pontua.

O conto narra a trajetória da Senhora Xavier, mulher que, ao tentar assistir a um evento, acaba perdida nos corredores subterrâneos do Estádio do Maracanã. O que deveria ser uma simples busca por uma saída transforma-se numa jornada introspectiva, onde a protagonista confronta medos, desejos e questões fundamentais sobre sua própria identidade. A narrativa, típica do estilo clariciano, explora as camadas psicológicas da condição

Cara a cara com Clarice

Ana Beatriz Nogueira: ‘Há momentos em que eu emito opiniões, faço comentários, na medida em que as coisas vão acontecendo. Mas é a Sra. Xavier que nos interessa: ela é o carro-chefe, a personagem que busco representar da melhor maneira possível’

feminina através de uma prosa densa e reflexiva.

Para a direção, Ana Beatriz convidou Gilberto Gawronski, profissional gaúcho com extensa experiência em teatro, cinema e televisão. “É a primeira vez que me debruço sobre uma obra de Clarice Liespector para uma construção cênica, e é também o meu primeiro encontro teatral com Ana Beatriz, com quem já havia trabalhado no cinema e na TV”, conta o diretor. Gawronski propõe uma abordagem contemporânea ao texto, criando conexões entre a mulher dos anos 1970 retratada por Clarice e as questões femininas atuais.

A encenação adota uma estratégia dramática particular, permitindo que a figura da atriz e da personagem coexistam em cena.

“Há momentos em que eu emito opiniões, faço comentários, na medida em que as coisas vão acontecendo. Mas é a Sra. Xavier que nos interessa: ela é o carro-chefe, a personagem que busco representar da melhor maneira possível”, explica Ana Beatriz. A atriz define o resultado como um “stand upbook”, neologismo que reflete a natureza híbrida do espetáculo, situado entre a literatura e a performance teatral.

O diretor enfatiza o cuidado em preservar as múltiplas camadas do texto original. “A encenação propõe construir a Sra. Xavier sem apagar a figura da atriz que a representa, tampouco a preciosa escrita de Clarice. A personagem, criada nos anos 1970, é totalmente compatível com a mulher dos dias de hoje”, observa Gawronski. Esta abordagem permite que o público

contemporâneo encontre ressonâncias atuais nas questões existenciais exploradas pela escritora há cinco décadas.

Ana Beatriz, leitora de Clarice desde a juventude, reconhece na obra da autora uma fonte inesgotável de inspiração teatral. “Sou leitora de Clarice desde muito cedo. Tudo o que ela escreveu é muito rico. É uma escritora que brinca com as palavras, para ser sempre lida, relida, montada”, afirma. A atriz acredita que a universalidade dos temas abordados no conto garantirá identificação do público com a protagonista. “Acho que muita gente vai se identificar com a Sra. Xavier, ou pelo menos sair pensando sobre tudo que o conto apresenta”, avalia.

A produção conta com adaptação de Leonardo Netto, que

transpôs o texto literário para a linguagem cênica preservando sua essência poética. A equipe técnica reúne profissionais experientes: Belí Araújo assina a cenografia, Antônio Medeiros o figurino, Adriana Ortiz a iluminação e Pedro Colombo as projeções. A trilha sonora é de Chico Beltrão, enquanto Alexandre de Castro responde pela programação visual, completando um conjunto que busca traduzir cenicamente a complexidade do universo de Clarice Liespector.

SERVIÇO

A PROCURA DE UMA DIGNIDADE

Casa Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema)

Até 12/10, sexta e sábado (20h) e domingo (19h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Sindicato e leitura

Há décadas, o sindicato da educação, seja no Rio de Janeiro, seja no Acre, agonizou-se por causa de uma luta político-educacional que se movimentou para ser oposição quando o Poder Executivo fosse representado por não afinidade ideológica. Como se ainda não fosse muito pouco, a luta não foi pela educação, e sim, e sempre, e sem exceção, por aumento salarial. Hoje, o sindicato não mais agoniza, pois, após tantas Velhas Palavras, Velhas Práticas, Velhas Derrotas, não possui nem a utilidade de um indigente cadáver. O sindicato da educação vaga no tempo como erro.

Imagem criada pela IA Flux Pro



A natureza do capital é criadora, mas de uma criação antropológica, sendo sempre outra sem deixar de ser a mesma, enquanto a luta educacional em relação ao poder ajoelha-se diante do marxismo vulgar para afirmar a verdade de ser contra o que se opõe a ela. Se o capital nega o dogma, a luta sindical jamais negou a liturgia de sua missa. Em razão disso, o capital sabe criar linhas de fuga, e a luta educacional as desconhece por acreditar na dialética hegeliana, mas tal dialética não passa de falso movimento.

É preciso reinterpretar Proudhon e, quando digo reinterpretá-lo, digo, primeiro, entender sua dialética serial, dialética sem síntese, sempre aberta, cuja origem filosófica é Platão, e Proudhon o leu. Em virtude dessa dialética ter atravessado séculos sobre séculos, o pensador francês compreendeu uma forma de luta política dentro de instituições, cujo movimento [ou dialética] nega a oposição entre ser-e-não-se, entre burguês-e-operário.

Proudhon supera o dualismo ao defender a ideia de o operário adquirir conhecimento, o que significa ter acesso a leituras. Assim, olhando para Proudhon, o sindicato da educação deveria entender a urgência da política de leitura de Estado, o que implica sala de leitura adequada, leitura de livro [sem pdf.] e dicionário [sem pdf.], com a finalidade de assegurar a forma tradicional ou clássica da experiência estética ou com Clarice Lispector, ou com Orwell, ou com Raduan Nassar.

Indiferente à ideologia, o sindicato deveria propor, e sempre, aos Poderes Executivo e Legislativo uma política de Estado que defenda a forma tradicional de o estudante ler obras clássicas, atemporais. Lutar na escola por leitura é luta política Menor segundo Deleuze ou, como diria Foucault, luta microfísica. O professor lê o livro na escola com os alunos para buscar a melhor interpretação. O grande ato depende do pequeno. Proudhon é mais revolucionário.



Moyseis Marques, Alfredo Del-Penho, João Cavalcanti e Pedro Miranda são artistas ligados à recuperação da Lapa

Desengaiolados e livres para cantar

Alfredo Del-Penho, João Cavalcanti, Moyseis Marques e Pedro Miranda recebem convidados em temporada de quatro terças-feiras no Teatro Ipanema

Por Affonso Nunes

Quatro amigos, quatro compositores, quatro cantores, quatro passaros, quatro talentos, quatro grandes sujeitos. Está aí a receita do Desengaiola, a reunião musical de Alfredo Del-Penho, João Cavalcanti, Moyseis Marques e Pedro Miranda, que ocupa o palco do Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa durante todo o mês de outubro, dentro da programação do projeto “Terças no Ipanema”. A temporada acontece nas terças-feiras dos dias 7, 14, 21 e 28, sempre às 20h.

A cada apresentação, o quarteto recebe um convidado especial que enriquece ainda mais o repertório. Nesta terça (7), quem divide o palco com os quatro é a cantora Áurea Martins, seguida por Joyce Moreno no dia 14. Os “cantautores” Mos-

quito e Pedro Luís completam a série de participações especiais nos dias 21 e 28, respectivamente.

O espetáculo tem como base o “áudio-visual” “Desengaiola”, lançado pelos selos Som Livre, MP B Discos, uma produção que documenta o encontro dos quatro músicos nas gravações ao vivo num sítio no interior do estado. O trabalho reúne 18 faixas, sendo 16 delas autorais.

O projeto foi indicado ao Latin Grammy e conquistou o Prêmio da Música Brasileira na categoria Projeto Especial em 2023. Desde o lançamento, Alfredo, João, Moyseis e Pedro têm percorrido o Brasil com apresentações, além de ter realizado uma bem-sucedida turnê europeia que passou por Paris, Porto, Lisboa, Barcelona e Madrid.

O repertório desta ocupação no Teatro Ipanema inclui composições autorais como “Alameda Palmares”, “Luz do Meu Terreiro”

e “Fuzuê”, esta última em parceria com Chico César. Há também as versões do grupo para “Puro Ouro”, de Joyce Moreno, e “Alagados”, clássico dos Paralamas do Sucesso. Mas se uma canção simboliza a reunião dos quatro amigos esta é “Desengaiola”, de Alfredo e Pedro com os versos “Deixa esse passarim chegar, pousar, se aninhar. Se aconchegar na palma da mão / E a melodia vem como se fosse um colibri / Um pintassilgo, ou uma sabiá / Deixa o seu coração te levar, decolar / Desengaiola a inspiração / Que como o passarim, seu doutor / Tem que ser livre pra poder voar”.

O encontro dos quatro artistas começou há mais de 20 anos, no florescer da reocupação cultural da Lapa. Alfredo, João, Moyseis e Pedro estiveram na gênese de alguns dos grupos mais importantes daquela cena, como Casuarina, Cordão do Boitatá, Grupo Semente e Anjos da Lua, e sempre estiveram presentes uns nos álbuns e shows dos outros, até formatarem, em 2012, o show “Segunda Lapa”, quando se juntaram pela primeira vez no palco.

SERVIÇO

DESENGAIOLA

Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema)

De 7 a 28/10, sempre às terças (20h), 14, 21 e 28 de outubro | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

ENTREVISTA / SCHOLASTIQUE MUKASONGA, ESCRITORA

‘O perigo, para um sobrevivente, é fechar-se, isolar-se na solidão’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Guardiã das memórias de Ruanda, formada entre as cinzas e o sangue que a guerra produz, na certeza de que escrever é um ritual de esperança, Scholastique Mukasonga tem espaço aberto no Centro Cultural Banco do Brasil nesta quarta-feira para defender o papel dos sujeitos e dos predicados como espadas e escudos na luta cotidiana dos povos africanos. A autora de “Kibogo Subiu Ao Céu” e “Nossa Senhora do Nilo” é a estrela do Clube de Leitura do CCBB deste mês. Seu encontro com o público será às 17h30. Seu papo tem como mote seu livro “A mulher de pés descalços”, em que trata de maneira pungente dos conflitos enfrentados pelas mulheres nas lutas fratricidas entre as etnias Tutsi e Hutu. Na conversa a seguir, ela esboça uma geopolítica possível pautada na aliança e na força feminina.

Em que momento você percebeu que a literatura pode funcionar como identidade? Se a prosa literária agrega e reorganiza fronteiras, que tipo de pátria ela seria?

Scholastique Mukasonga: A escrita me pareceu o meio mais seguro de preservar a memória, essa memória que me foi confiada quando meus pais me enviaram para o exílio no Burundi. Não se tratava apenas de salvar minha vida, mas também de ser testemunha para todos os meus familiares, cuja existência o genocídio dos tutsis em 1994 tentou negar. Foi também a melhor terapia para uma sobrevivente como eu. O perigo, para um sobrevivente, é fechar-se, isolar-se na solidão. Você fica com medo de que a menor palavra possa reavivar memórias dolorosas e acaba



Divulgação

preso em seu desespero insuportável. Mas, no meu caso, reconheço minha sorte. A escrita me permitiu superar a culpa de ser uma sobrevivente: por que eles e não eu? Nos piores momentos do meu sofrimento, encontrei uma amiga, uma confidente: uma página em branco.

Ruanda, em sua literatura, seria uma poesia, um romance épico, um conto surrealista ou um ensaio sociológico? De que maneira o que escreve de Ruanda se aproxima daquela nação que existe nos mapas, daquela sangra? De que maneira essa Ruanda real sonha?

A antiga Ruanda, que não conhecia a escrita, possuía, no entanto, uma rica literatura: panegíricos da corte real, épicos guerreiros, poesias pastorais em glória à vaca, contos populares para as vigílias familiares e de vizinhança. Essa literatura oral foi parcialmente transcrita e preservada por pesquisadores ruandeses, como Alexis Kagame, ou ocidentais, antes de ser apagada pela escrita. Essas tradições antigas, consideradas erroneamente como exclusivamente tutsis, foram rigorosamente censuradas pelas duas repúblicas hutus (1962-1994), que se diziam camponesas e cristãs. A nova literatura africana francófona ou anglófona era desconhecida no Ruanda,

que se tornou um gueto. O genocídio dos tutsis em 1994 suscitou toda uma literatura de testemunhos que foi publicada principalmente na França e nos EUA e, em breve, em todo o mundo através de traduções. Se os meus dois primeiros livros, “Inyenzi ou As Baratas” e “A Mulher dos Pés Descalços”, inscrevem-se bem neste contexto, os livros que se seguirão (e já são doze) pretendem ampliar o horizonte literário, seja resgatando um passado há muito falsificado por teorias racistas, seja, como em “Coeur Tambour”, abrindo meu país para esse Atlântico negro. Um espaço que, como me disse o presidente Lula, quando me recebeu em São Paulo, no Instituto Lula, “não passa de um riacho entre o Brasil e a África”.

“A Mulher Dos Pés Descalços” é um belíssimo tratado das lutas fratricidas entre as etnias Tutsi e Hutu. Que saldo você faz desse conflito hoje? De que maneira ele devastou Ruanda? De alguma forma ele reinventou Ruanda?

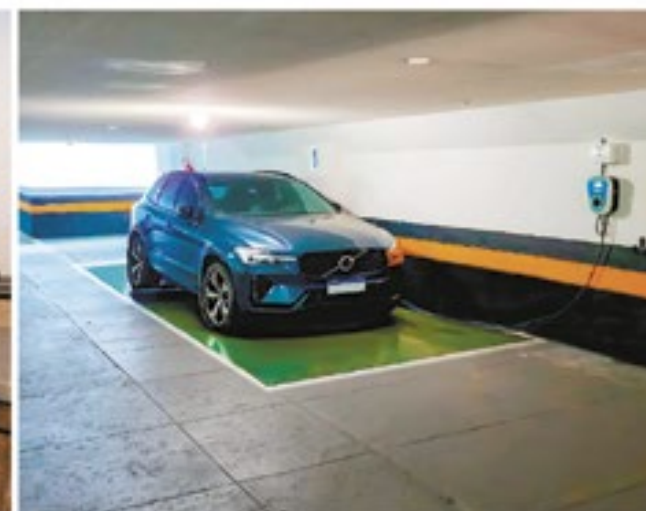
Um milhão de mortos em três meses, abril, maio e junho de 1994, diante da total indiferença da comunidade internacional. Um país devastado material e moralmente, e agora citado como exemplo por sua reconstrução e política de reconciliação. É fato que os jovens ruandeses querem se voltar para um futuro melhor, mas também pretendem construí-lo retomando tradições até então proibidas. Essas tradições recuperadas nos permitiram salvar nossa identidade ruandesa, que queriam nos negar, e tento revivê-la em meus romances e contos.

O Brasil ocupa que espaço na diáspora africana? E a literatura negra do Brasil?

O Brasil tem a sorte de ser uma terra de todas as culturas. E me parece que as culturas africanas, além de um passado doloroso, ocupam um lugar de destaque por aqui. Eu, que vivo na Europa, reencontrei em cada uma das minhas viagens ao Brasil o perfume da minha terra africana. Sobre as relações entre o Brasil e Ruanda... a Sra. Irene Vida Gala, a nova embaixadora do Brasil em Ruanda, apresentou suas cartas credenciais ao nosso presidente Paul Kagame e foi recebida com entusiasmo em Ruanda no final deste mês de setembro. Estão previstos vários projetos de cooperação e intercâmbios culturais. Ao partir para Ruanda, Simone Paolino, minha querida editora, confiou-lhe, por recomendação da Ministra da Educação Nacional de Ruanda, os cinco livros traduzidos para o português e publicados pela Nôs.



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ